

# A CRIATIVIDADE LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COM BRASILEIRISMOS E MOÇAMBICANISMOS

Alexandre António Timbane\*

**Resumo:** A presente pesquisa é uma reflexão sobre a variação linguística do português brasileiro e moçambicano na vertente lexical, na qual discutimos em primeiro lugar os conceitos de estrangeirismos, empréstimos, brasileirismos e moçambicanismos. Trabalhando com *corpora* de três dicionários (um moçambicano, um brasileiro e um português), concluímos que os brasileirismos provêm das línguas tupi, inglês, italiano, japonês e muitas outras línguas que chegaram ao Brasil fruto da colonização. Os moçambicanismos resultam também do contato entre o português e as mais de vinte línguas bantu faladas em Moçambique bem como do inglês e das línguas asiáticas. Concluímos ainda que tanto os brasileirismos quanto os moçambicanismos só enriquecem a língua portuguesa que une todos países lusófonos.

**Palavras-chave:** Brasileirismos; moçambicanismos; variação.

**Abstract:** This research is a discussion on the linguistic variation of Brazilian and Mozambican Portuguese in lexical aspect, in which we discussed first the concepts of foreignness, loans, brazilianisms and mozambicanisms. Working with *corpora* of three dictionaries (one Mozambican, one Brazilian and one Portuguese), we concluded that the brazilianisms come from Tupi, English, Italian, Japanese languages and many other languages that arrived in Brazil as result of colonization. The mozambicanisms also result from

---

\* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

contact between Portuguese and over twenty Bantu languages spoken in Mozambique as well as English and asian languages. We can also conclude that both brazilianisms and mozambicanisms only enrich Portuguese language that unites all Portuguese speaking countries.

**Keywords:** Brazilianisms; mozambicanisms; variation.

## 1. Considerações iniciais

No Brasil e em Moçambique a língua oficial é o português, decisão tomada pelo sistema colonial e pela política linguística vigente. Mas há aspetos em comum que se devem ter em conta: os dois países foram colônias de Portugal, tem uma situação de multilinguismo, ou seja, o Brasil com 274 línguas (IBGE, 2012) e Moçambique com 23 línguas (NGUNGA E BAVO, 2011, p. 14-15); o português tem variado em ambos os países, resultado do contato entre português e outras línguas, fato que resulta de diferentes neologismos.

Outra semelhança é a falta da valorização das línguas locais: há pouca ou inexistente bibliografia sobre a descrição dessas línguas; faltam dicionários e gramáticas bem como políticas públicas claras para a preservação, valorização, uso e divulgação dessas línguas. Os dois países apostam na valorização e prestígio da língua do colonizador, a Língua Portuguesa (LP), havendo “pouco esforço” para a preservação dessas línguas nativas. Tanto no Brasil como em Moçambique, a LP foi uma imposição do sistema colonial tal como apresenta Oliveira (2008) no seu artigo “Plurilinguismo no Brasil”. Em Moçambique, linguistas tais como Lopes (1997, 2004), Ngunga e Bavo (2011) e Firmino (2001) apresentam essa realidade linguística que é mais política do que propriamente linguística.

O que pode ser diferente nos dois contextos é que no Brasil há “os brasileirismos” e em Moçambique há “os moçambicanismos” e que os processos de integração e conversão variam de uma variedade para outra. Outra diferença é relativa ao número de

falantes, porque em Moçambique a LP é falada por 10,7% num universo de 20 milhões da população, segundo Gonçalves (2012, p. 4), enquanto no Brasil a LP é falada por 98% num universo de 200 milhões de habitantes (MARTINS, 2007, p. 44-45). Dá-se a impressão de que todos brasileiros falam a LP, mas não é verdade, porque há uma população indígena que fala um considerado número de línguas. Mas o que podemos avançar é que, nos dois casos, não é possível se ter a norma padrão europeia que tanto almejam os políticos através do planejamento e das políticas linguísticas. Os contextos sociolinguísticos criam variações e mudanças dependendo das realidades locais. Essa ideia encorajamos a pesquisar sobre brasileirismos e moçambicanismos. Neste trabalho pretendemos discutir os conceitos de brasileirismos e moçambicanismos bem como explicar a variação e integração lexical no Português de Moçambique (PM). Pretendemos mostrar quais são as línguas que compartilham na formação dos moçambicanismos e brasileirismos, incluindo os processos que entram na sua integração.

## **2. A criatividade lexical de uma língua**

A LP nunca foi estática, imutável e parado no tempo e no espaço. Aliás, Bagno (2002, p. 82) adverte que “não existe uma língua pura: o vocabulário de qualquer língua do mundo é resultado de séculos de intercâmbios com povos, com culturas e, conseqüentemente, outras culturas”. Para Alves (2003, p.262) a neologia é o “processo de formação de novas unidades lexicais” e o neologismo é o “produto da nova unidade lexical”. Quanto à origem, Sablayrolles (2006) defende que os neologismos podem ter origem na matriz interna (formações ou recriações dentro da mesma língua) ou na matriz externa (palavras vindas de outras línguas: estrangeirismos/empréstimos). Uma das origens da criatividade linguística é o contato de línguas e o segundo Faria (2003, p. 35), “é um dos fatores que mais contribuem para

desencadear variação linguística, a qual, ao ser progressiva e sistematicamente incorporada nos usos dos seus falantes, levará eventualmente a uma situação de mudança de alguns parâmetros da língua”. Os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais muitas vezes influenciam nas mudanças e nas variações linguísticas (a nível lexical, fonético-fonológico, morfológico, semântico, etc). Para um bom entendimento sobre os moçambicanismos e brasileirismos, é importante discutir e delimitar os conceitos de empréstimos e estrangeirismos.

### **2.1. O que consideramos estrangeirismos na LP?**

Os estrangeirismos são bastante discutidos entre os linguistas e na sociedade. Alguns os consideram “desvios à norma”, outros consideram “invasão” linguística ou ainda empobrecimento do português. O estrangeirismo linguístico é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas, fenômeno que se dá não só com o português, mas também com qualquer outra língua. O estrangeirismo é o emprego de palavras provenientes de uma língua estrangeira e a língua de chegada pode ou não possuir uma palavra correspondente a elas, que costumam ser apontadas em nossas normas gramaticais como um vício de linguagem. No empréstimo, “a própria nomenclatura deixa clara a função das palavras, que sofrem pouca modificação e passa a fazer parte do léxico, sendo que todas elas hoje classificadas como empréstimos foram um dia estrangeirismo.” (GONÇALVES *et al.*, 2011, p. 2-4). Sendo assim, o estrangeirismo é a fase pela qual uma palavra do léxico de uma língua estrangeira passa a ser usada em outra língua, como o português, situação em que algumas das suas características de origem não foram desvirtuadas, nomeadamente a nível fonológico, a nível morfológico e a nível gráfico. Segundo Timbane (2012), língua estrangeira não significa necessariamente uma língua de outro país, mas sim as várias línguas faladas no território da língua de chegada. No Brasil, há que se considerar muitas palavras do tupi-

guarani e do nheengatu que foram integradas no Português Brasileiro (PB)<sup>1</sup> e em Moçambique palavras vindas das línguas bantu<sup>2</sup> (xichangana, emakhuwa, suaíli, etc.) integradas no PM.

## 2.2. O que são empréstimos linguísticos

Dos estrangeirismos que entram na língua, alguns conseguem manter suas características de proveniência (*campus, bullying, workshop, fast-food*), mas outras mudam, transformando-se em empréstimos (*forró, motobói, esporte, checar, baguete*, resultantes da transformação de *for all, moto boy, sport, to check, baguette* respectivamente). Tanto Torri (2007, p. 57) quanto Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005, p. 37-49) defendem que as transformações lexicais seguem algumas fases: (a) citação e adaptação fonética ou morfossintática imediata; (b) aprofundamento da adaptação, com a possibilidade de formação de novas palavras por composição e prefixação, e aparecimento de formas gráficas em alternativa às da língua de origem; (c) estabilização fonológica, com fixação do acento; e (d) plena integração morfossintática, com fixação do gênero e das formas de singular e plural, bem como a integração no sistema morfológico da língua e a tendência de extensão do significado de forma original.

Entendem-se por empréstimos palavras que já foram estrangeirismos e que ao longo do tempo se consolidaram na língua e sofrendo transformações a nível fonético ou ortográfico. A nosso

---

<sup>1</sup> Num estudo com os jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* e com as revistas *Veja* e *Isto é*, Alves (2008) identificou 24.598 ocorrências, das quais 13.570 eram unidades neológicas. Desses neologismos, 17% são estrangeirismos, sendo a maioria vindos do inglês (73%).

<sup>2</sup> É o conjunto de mais de 600 línguas faladas desde a África Central até a Austral pertencentes a família nigero-congolesa e que ocupam 16 zonas no continente. São línguas de tronco comum ou da mesma família porque possuem características comuns: vocabulário comum, radicais invariáveis e funcionam com o sistema de classes.

ver, seriam aquelas palavras que, por tanta necessidade de serem usadas por falantes, foram assimiladas na escrita e na fonética. Estas “novas” palavras, quando chegam na língua alvo (neste caso, no português), incorporam e usam as regras gramaticais dessa língua. Aliás, Guilbert (1975) já distinguia os xenismos (estrangeirismos) dos empréstimos. Alguns estudiosos da língua costumam dar pouca importância à diferença entre empréstimos e estrangeirismos. Entende-se neste contexto por empréstimo linguístico a passagem de elementos (morfemas, lexias, regências, acepções) de uma língua *A* para uma língua *B*. Assim,

Se adotarmos *star*, logo teremos *estartar* (e todas as suas flexões), pois nossa língua não tem sílabas como *st-*, que imediatamente se tornam *est-*. Veja bem: não só acrescenta uma vogal, mas ela será um *e-* em algumas regiões, um *i*, por razões de pronúncia, não de estrutura – que é nossa vogal protética e epentética. A forma nunca será *startar*, nem *ostartar* ou *ustartar*, nem *estarter* ou *estartir*, nem *printer* ou *printir*, nem *atacher* ou *atachir* etc, etc, etc. Isso é que é aportuguesar, e não providenciar uma ortografia para a palavra. (POSSENTI, 2002, p. 172, negritos nossos)

A palavra *star* é estrangeirismo e a palavra *estartar* é empréstimo. Repare que esta última está modificada e segue as normas da PB. Já foi enquadrada aos verbos da 1ª conjugação: *eu estarto/eu estartei/eu estartava/eu estartarei/eu estartara/eu tinha estartado*, etc. Chamamos atenção que esta regra só funciona com PB, pois no PM não se acrescenta *e-*. No PM, fica como *startar* e as suas respectivas acepções. Vejamos outros exemplos de empréstimos extraídos no *Dicionário Integral da Língua Portuguesa*: *stress* (*stressar*), *surf* (*surfear*), *scanner* (*scanear*), *stock* (*stocar*), *sprint* (*sprintar*), *rap* (*rappar*), *drive* (*drivar*).

### **2.2.1. Razões da inserção de empréstimos e estrangeirismos numa língua**

Falando das causas dos empréstimos/estrangeirismos lexicais no PM, Dias (1993), considera dois motivos fundamentais: (a) empréstimos lexicais como estratégias de comunicação; e (b) estrangeirismos lexicais como estratégias de identificação. Ocorrem quando os falantes recorrem aos termos da língua materna para preencher lacunas na LP de certas realidades, tipicamente moçambicanas, como, por exemplo, nomes de frutos, de flores, de animais, de comidas e de certas cerimônias. Estes empréstimos vem preencher lacunas no conhecimento da LP, motivadas pelo fraco domínio da língua. Essa situação faz com que o falante, não encontrando o item sintático-semântico pretendido e tendo acesso ao léxico da língua materna, recorra então ao empréstimo ou ao estrangeirismo. Este tipo de empréstimo é característico em qualquer aprendiz de uma segunda língua ou língua estrangeira, podendo ocorrer tanto em crianças como em adultos.

Appel e Muysken (1996, p. 247) apresentam seis determinantes sociais e culturais que originam os empréstimos/estrangeirismos: (a) influência cultural (que surge não apenas do contato de línguas distintas num mesmo espaço, mas também de intercâmbios culturais); (b) a existência de duas palavras nativas que se pronunciam ou soam de forma tão similar que a substituição de uma delas por uma palavra estrangeira resolveria possíveis ambiguidades; (c) a necessidade constante de sinônimos de palavras afetivas que perderam a sua força expressiva; (d) a necessidade de tomar uma palavra de uma língua de estatuto baixo e usá-la pejorativamente; e (e) a introdução de palavras emprestadas de forma quase inconsciente por causa de um bilinguismo intenso, que faz com que em alguns casos, sejam usadas na escrita sem a marca de estrangeirismo.

Para Vilela (1994) e Appel e Muysken (1996), os estrangeirismos e os empréstimos proveem de duas motivações: (a) a primeira tem a ver com o prestígio de que goza a língua A em

relação à língua nativa do falante - motivada pelo prestígio, uma palavra será utilizada, como empréstimo, da língua *A* pela língua *B*, não porque a palavra emprestada tenha falta de equivalente na língua *B*, mas porque os falantes da língua *B* consideram a *A* como tendo maior estatuto e prestígio; (b) a segunda refere-se à necessidade de manifestar a solidariedade social entre pessoas de classes sociais diferentes como forma de identidade entre ambas as classes.

Face a esta diversidade de funções, os empréstimos são designados de formas diferentes tendo em conta a sua origem, a sua função e a forma como se integram na nova língua.

### 2.2.2. Estrangeirismos quanto à sua função: necessários e de luxo

De acordo com Vilela (1994), os empréstimos necessários correspondem a realidades ou conceitos inexistentes na língua de chegada, ou melhor, são palavras que designam realidades não nomeadas num estado anterior da língua. O mesmo se passa com os estrangeirismos. As comunidades necessitam constantemente de receber empréstimos/estrangeirismos, pois elas não se bastam a si próprias, não dão conta das necessidades comunicativas da comunidade, uma vez que estão constantemente em intercâmbio/contacto com outras comunidades. As unidades lexicais *babeas corpus*, *ad hoc*, *campus*, *apartheid*, *airbag*, *miss*, *dopping*, *design*, *impeachment*, *radar* não tem equivalência na LP. No PM, por exemplo, há muitos empréstimos/estrangeirismos necessários, principalmente vindos das línguas bantu: *gwaza-muthini*,<sup>3</sup> *xiguinha*,<sup>4</sup> *chigovia*,<sup>5</sup> *tchuva*.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> “Cerimônia de evocação aos guerreiros tombados em batalhas de luta contra o colonialismo português”.

<sup>4</sup> “Cozido de mandioca ou batata-doce com um ou mais tipos de verduras (*cacana*, couve, etc)”.

<sup>5</sup> “Flauta feita de fruto de *massala seca*”.

<sup>6</sup> “Jogo tradicional africano”.

Vilela (1994) considera estrangeirismos de luxo, aqueles que recobrem conteúdos para os quais a língua importadora possui termos para se referir a tais realidades. Mas, apesar de existirem na língua unidades lexicais para se referir a tais conceitos, os falantes optam, normalmente, por termos estrangeiros, pelo prestígio que a língua importadora possui. Notamos também que os falantes, na sua maioria, recorrem aos empréstimos do inglês pelo prestígio que esta língua goza (língua franca) em quase todo o mundo. Vejamos alguns exemplos do inglês: *file, marketing, fashion, e-mail, briefing* entre muitas outras.

### **3. Noção de moçambicanismos e brasileirismos: debates recentes**

#### **3.1. Os brasileirismos**

Os brasileirismos surgem da necessidade de um conjunto de léxico que é diferente do português europeu ou de outros países lusófonos, mas que reflete a realidade do povo brasileiro. Falar do PB é falar de brasileirismos; é dizer que há uma forma de falar bem diferente da de Portugal ou de um outro lugar. É ainda reconhecer que há variação diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica.

A LP no Brasil convive com várias línguas pertencentes aos “índios de diversas etnias agrupadas em famílias pertencentes aos troncos tupi, macro-jê, txapakuna, guaikuru e yanoama” (MARTINS, 2007, p. 80). Por outro lado, os italianismos, os africanismos, os japonesismos, os anglo-norte-americanismos e muitos outros “estão presentes na língua portuguesa e em todas as línguas de cultura, graças ao notável progresso material e cultural da grande nação do norte do novo continente” (CUNHA, 2003, p. 9). Tendo em conta a história do Brasil, podemos afirmar que muitos brasileirismos provem diretamente da língua tupi ou que por ela foram influenciados. Mas também são todas as palavras ou expressões

próprias da comunidade linguística brasileira. Entendemos aqui a presença de empréstimos e neologismos que caracterizam as especificidades da fala/escrita brasileira.

Segundo Ilari e Basso (2009, p. 68) o enriquecimento lexical resultante do contato entre o português e as línguas indígenas se sente no vocabulário referente à alimentação (*mandioca, beiju*), à fauna (*jaguar, jibóia, piranha, lambari*), à flora (*amendoim, cajú, capim, cajá, taioba*) e à cultura (*pixaim, tapera, tocaia*). Outros exemplos de brasileirismos vindos dos tupi são palavras que tem os sufixos: *-açu* (“grande”), *-guaçu* (“grande”) e *-mirim* (“pequeno”), como nas palavras *arapaçu* (“pássaro de bico grande”), *babaçu* (“palmeira grande”), *abolimirim* (“arroz miúdo”), *mandiguaçu* (“peixe grande”), *abatimirim* (“arroz miúdo”) ou *mesa-mirim* (“mesa pequena”). Existem, no entanto, verdadeiros sufixos, como *-rana* (“parecido com”) e *-oara* (valor de gentílico) nas palavras *bibirana* (“planta da família das anonáceas”), *brancarana* (“mulata clara”) ou *paroara* (“natural do Pará”).

Segundo Gois (2001, p. 65), o “empréstimo do tupi ao português é, na verdade, fruto de uma língua de contato e interação por mais de três séculos, entre índios e europeus, num primeiro momento, e, posteriormente, entre índios, brancos e negros”.<sup>7</sup> Como dissemos, os brasileirismos não só provêm das línguas originárias do Brasil. Na nossa opinião devem ser consideradas palavras provenientes de outras línguas<sup>8</sup> que se estabeleceram no Brasil durante e após a colonização e que são usadas nos contextos da fala cotidiana dos brasileiros.

---

<sup>7</sup> Em muitas estruturas, um item de origem tupi forma palavras novas ao ligar-se a um item de origem não-portuguesa, como é o caso de *abacaxibirra* (tupi + italiano), *banana-inajá* (africano + tupi), *juriti-azul* (tupi + árabe), *chá-biriba* (chinês + tupi) (GOIS, 2001, p. 176).

<sup>8</sup> Do japonês: *sushi, sashimi, tempura, quimono, judô, jiu-jitsu, tofu, karaokê, sikiyaki, tatami*; do italiano: *macarron, tchau, pizza, nboque, maestro*; do francês: *sutiã, tour, paletó, baton*, etc.

### 3.2. Os moçambicanismos

Em Moçambique, a LP é oficial (língua da elite) graças à política linguística que a privilegia em detrimento das mais de vinte línguas bantu usadas pela maioria dos moçambicanos. A língua mais falada em Moçambique é o emakhuwa (26,1%), localizada geograficamente a norte de Moçambique, abrangendo as províncias de Nampula, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia. A LP aparece em 3º lugar, depois do xichangana (10,8%), segundo os dados recolhidos por Ngunga e Bavo (2011, p. 14-16). Queremos dizer que os moçambicanos são maioritariamente bantófonos, uma vez que usam exclusivamente a LP para comunicações de carácter formal. Estas condições sociolinguísticas criam campo para que haja contato linguístico e fenômenos linguísticos do tipo empréstimos e estrangeirismos, tanto na LP como nas línguas bantu.

Segundo Dias (2002, p. 20), moçambicanismos são “todas as palavras (neologismos e empréstimos) que são mais tipicamente usadas em Moçambique e que mostram e particularizam a regionalização léxico-semântica do português em Moçambique”. A definição de Dias nos parece incompleta, pois a nosso ver, devem-se acrescentar os estrangeirismos. Essas palavras resultam do contato que o português tem/teve com as línguas africanas ao longo da colonização e após a independência. A soma de moçambicanismos resulta no PM defendido atualmente por vários linguistas, pois nunca falamos tal como se fala em Portugal. Moçambique tem contextos sociolinguísticos específicos que fazem com que haja especificidades nessa variedade. O sistema colonial tentou várias vezes inculcar esse pensamento no seio dos moçambicanos, mas tudo redundou num fracasso, pois a distância geográfica entre Lisboa (capital de Portugal) e Maputo (capital de Moçambique) é considerável e a multiplicidade linguística se mostrou mais relevante entre os moçambicanos.

As condições sociais e culturais e o nível de escolaridade são algumas das variáveis que participam neste comportamento linguístico. Partindo do princípio de que a língua muda com o tempo, é importante mostrarmos que as mudanças sempre ocorrem

em primeira instância a nível lexical. Estudos sociolinguísticos mostram que a gramática é a última a ser afetada pela variação. Moçambicanismos são

indícios claros de afirmação de norma própria: na maneira original como adota o seu vocabulário de origem bantu ao sistema português divergindo inclusivamente da norma europeia (lusitana), no modo como simplifica a morfologia flexional do português, como começa a optar pela ordenação dos elementos frásicos na sequência discursiva e, sobretudo, como força o léxico do português a adaptar-se à mentalidade africana, tanto nos semas inerentes como semas classemáticos: o que implica, por vezes, uma reformulação do esquema frásico em alguns dos seus modelos proposicionais. (VILELA, 1995, p.68)

Estas características que Vilela acaba de mostrar são as que distinguem a fala de um africano da de um português ou de um brasileiro. É que os moçambicanismos tem características próprias, específicas que criam uma diferença notável a nível fonético, semântico, lexical e morfossintático. As línguas naturais constituem configurações que mudam lentamente, moldadas pelo curso invisível e impessoal que é a vida da língua. Desses processos de mudança não se exclui a LP, pois também vem sendo modificada na pronúncia, na gramática e no léxico; vai incorporando novas formas, nas novas expressões; vai construindo uma certa identidade moldada pelo espaço histórico, plurilinguístico e multicultural onde se encontra inserida. Esse fenômeno, que pressupõe apropriação, recriação e enriquecimento da LP por falantes moçambicanos, adaptando-a ao seu contexto sócio-cultural, segundo Dias (2002), constitui a moçambicanização da língua. Pesquisas de Dias (1991, 2002, 2009) e Lindegaard (2011) mostraram claramente a existência de evidências suficientes de existência variações de todo tipo: fonético-fonológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático. Moçambique já alcançou a independência política há 36 anos, mas falta a independência linguística que tanto impede o crescimento da identidade cultural moçambicana. Em cada setor

de atividade, a criação lexical está sempre presente. É por isso que há estrangeirismos e empréstimos para cada setor de atividade social. Tomemos exemplos da informática: *laptop*, *download*, *mouse*, *blogspot*, *pendrive*, *HD*, *deletar*, dentre outras.

Concluindo o debate, é importante saber que a língua não é pertença do individual, mas sim do coletivo. Quem incorpora o novo léxico são os falantes. Assim, mesmo que fiquemos tristes com mudanças linguísticas, mesmo que se promulguem leis defensoras, não adiantará em nada. Esses fenômenos linguísticos atendem às necessidades comunicativas dos falantes (usuários). É importante analisar, observar para ver se essas novas palavras resistirão ao tempo. Algumas podem mudar a sua grafia, outras vão se manter, mas mudando a sua fonética. O importante é que tenhamos a língua como um instrumento de comunicação e de livre expressão. Para tranquilizar aos que mais se preocupam presença de estrangeirismos, Perini (2004, p. 33) adverte:

Não há dúvida de que a língua de “civilização” que nos serve é o português. Além do mais, ela não está nem um pouco em perigo de perder essa posição privilegiada: apesar do que se fala dos progressos do inglês em certas áreas, o português continua firme como o veículo de todos os aspectos da cultura brasileira.

Essa afirmação Perini permite concluir que, mesmo que haja brasileirismos, moçambicanismos, angolanismos, enfim, estrangeirismos de todo tipo em todos continentes, a LP é única. Os fenômenos linguísticos existiram, existem e sempre existirão em qualquer que seja a língua viva. Não há como preservar, poupar nem impedir que isso aconteça. Os moçambicanismos apresentam marcas precisas do PM. São marcas ou traços culturais bem diferentes dos do Brasil ou de outros países falantes da LP. Mateus (2002, p. 53) colocou uma questão de fundo que merece muita reflexão e debate. A questão foi: se a língua é um fator de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes?

Esta questão mostra que a língua e a cultura nunca se separam. Os contextos socioculturais em cada espaço geográfico ditam a língua ou a variedade desse povo. Dizer PB é identificar a língua, a variedade ou a cultura do povo brasileiro nos seus variados aspectos: suas variações, sua literatura, sua tradição até a sua história. Por outro lado, estamos reconhecendo os contextos da política e do planejamento linguístico vigentes no território brasileiro. A língua ou a variedade está intimamente ligada à cultura, pois é através dela que os membros da comunidade linguística se expressam nas diversas formas na vida cotidiana. O léxico é a parte mais evidente da língua e nela podem-se identificar as variações e mudanças lexicais, fato linguístico que tentaremos demonstrar na seção a seguir.

#### **4. Pressupostos metodológicos e análise dos dados**

Sabemos que as línguas variam e que, quando se fala em variação, faz-se alusão à sociolinguística, que é a área da linguística “que procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão relacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua” (BELINE, 2010, p. 125). Tendo em mão três dicionários importantes para estudo, deparamo-nos com duas questões: Como identificaremos os estrangeirismos (brasileirismos e moçambicanismos)? Que critérios de seleção serão usados?

Para identificar os estrangeirismos, primeiro verificamos o tipo de ortografia e a etimologia originária da unidade lexical. O conhecimento de inglês, de francês e de algumas línguas bantu (faladas em Moçambique) permitiu-nos selecionar essas unidades lexicais para uma posterior análise e discussão, fato que resultou nos quadros apresentados mais adiante. Como método, consideramos a ortografia como primordial para identificar a origem, mas também porque a escrita é padronizada, ao contrário da fala. Está mais que claro que a fala é muito mais variável que a

escrita. Os países que partilham a mesma língua assinam acordos ortográficos como forma de uniformizar a escrita para poder partilhar as suas bibliografias. Sendo assim, os *corpora* de exclusão usados foram três dicionários:

- a) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*: A escolha justifica-se pelo fato de que é considerado o dicionário brasileiro mais completo pelas revistas, instituições e jornais brasileiros. É um dicionário que registra datas de entrada e apresenta as etimologias. Em cada entrada, o dicionário indica com precisão a categoria gramatical, o que permite um estudo completo da entrada, além de abranger várias áreas do conhecimento. Esse dicionário tem cerca de 228.500 verbetes, 376.500 acepções, 415.500 sinônimos, 26.400 antônimos e 57.000 palavras arcaicas. Além da de verbetes, a equipe de edição pesquisou também a etimologia de cada palavra e o seu primeiro registro no português. Por essas e outras razões, consideramos uma obra importante para o estudo de brasileirismos.
- b) *Dicionário de Moçambicanismos*: Publicado em 2002 pela Livraria da Universidade Eduardo Mondlane-Moçambique, contém 1.540 verbetes ricos em neologismos, estrangeirismos, empréstimos que retratam as particularidades do PM. A elaboração do dicionário foi motivada pelo fato de a LP em Moçambique “ter vindo a sofrer uma série de mudanças a todos níveis, por influência de vários fatores, destacando-se o contacto com as línguas bantu e os fatores socio-económicos, políticos inerentes à actual conjuntura moçambicana.” (DIAS, 2002, p. 12). Segundo Dias (2002, p. 18), o principal objetivo é de “mostrar algumas palavras e significados novos usualmente utilizados por alguns moçambicanos e que não aparecem nos dicionários portugueses”.
- c) *Dicionário Integral da Língua Portuguesa*: Obra coletiva publicada em 2008, pela Texto Editora e que contém 95.320 vocábulos, na qual se podem encontrar definições,

domínios de conhecimentos, classificação gramatical e etimologia. Este dicionário inclui vocábulos do português europeu, brasileiro e de alguns países da lusofonia. Inclui antropônimos, topônimos, estrangeirismos e empréstimos linguísticos.

Do estudo lexical desses dicionários pudemos observar as particularidades das variedades moçambicana e brasileira. Para a análise da variação lexical construímos os quadros<sup>9</sup> a seguir. Começamos pelos brasileirismos:

QUADRO 1  
Brasileirismos (estrangeirismos e empréstimos)

Português do Brasil	Equivalente no Português de Moçambique
(1) <i>Chip, show, shopping</i> (do inglês)	<i>Cartão, espetáculo, supermercado</i>
(2) <i>Drinque, escore, goleiro, time, tíquete</i> (do inglês <i>drink, score, goal keeper, team, ticket, cheese burger</i> )	<i>Refresco, resultado, guarda-redes, equipa, bilhete,</i>
(3) <i>Xburger</i> (do inglês <i>cheese burger</i> )	SE*
(4) <i>Escanear, estressse, gol, sanduíche</i> (do inglês <i>scan, stress, goal, sandwich</i> )	<i>Scanear, stresse, golo, sandes</i>
(5) <i>Catchup, estoque, gangue, nocaute, suingue</i> (do inglês <i>ketchup, gang, knock-out, swing</i> )	<i>Tomate sauce, gang, slow, K.O., stock</i> (do inglês)
(6) <i>Canapé</i> (do francês)	<i>Sofá</i>
(7) <i>Buquê, cachê, maiô, toailete</i> (do francês <i>bouquet, cachet, maillot, toilette</i> )	<i>Ramo de flores, pagamento, fato banbo, casa de banbo</i>
(8) <i>Nboque</i> (do italiano <i>gnocchi</i> )	SE*
(9) <i>Sushi</i> (do japonês)	SE*
(10) <i>Abacaxi, carioca, cafuné, caçula, capivara, etá, manioca ou mandioca, tiririca, tijuca</i> (do tupi)	SE*

Fonte: Houaiss (2009) e Neves (2003).

<sup>9</sup> SE\* significa “Sem Equivalência”.

O exemplo em (6) mostra um estrangeirismo vindo do francês. O PB tem sido mais criativo transformando as unidades lexicais de estrangeirismo para empréstimo, como vemos em (7). O mesmo acontece com os exemplos em (2) a (5) relativos ao inglês. Conforme vimos, as transformações e adaptações ocorreram na formação de novas palavras. As palavras que começam com *st-* ou *sc-* em inglês, como *stress* e *scan* em (4) adaptaram-se para *es-* no PB tal como vimos nos exemplo apresentados por Possenti (2002) na seção 2.2. Os exemplos de brasileirismos apresentados no Quadro 1 ocorrem exclusivamente no PB e algumas delas não têm equivalência em PM.

O PB recebe léxico não só do tupi, do inglês e do francês, mas também do japonês, do italiano, etc. Com esses exemplos podemos concluir que o PB tenta integrar o estrangeirismo transformando-o em empréstimo como forma de se apropriar da palavra. São poucas as palavras que permanecem como estrangeirismos (p. ex., *show*, *shopping*).

Além disso, devemos considerar brasileirismos os vários neologismos que caracterizam a realidade brasileira: *banheiro*, *café da manhã*, *refrigerante*, *delegacia*, *açougue*, *pedágio*, *aeromoça*, *van*, *grampeador*, *pedestre* e *terno* (que correspondem a *casa de banho*, *matabicho*, *refresco*, *esquadra*, *talho*, *portagem*, *hospedeira*, *ten years*, *agrafador*, *peão* e *fato* no PM). Mas também há palavras que não têm equivalência no PM. É o caso de *flanelinha*, *borracharia*, *chapalaria*. Como podemos constatar, Moçambique tem outras experiências socioculturais que fazem com que haja outras palavras para um mesmo referente. Esta é a dinâmica que as línguas têm: a variação geográfica de que tanto abordamos ao longo do trabalho. Vejamos a seguir, os moçambicanismos:

**QUADRO 2**  
**Moçambicanismos (estrangeirismos e empréstimos)**

Português de Moçambique	Equivalente no Português do Brasil
(11) <i>Candongá, capulana, cacana, matapa, patchbar</i> <sup>10</sup> (do xichangana)	SE*
(12) <i>Madala, mabala, timbila, xibalo, xiconboca, xicorocoro</i> (do xichangana)	<i>Velho, gratuito, xilofone trabalho forçado, reacionário, carro velho</i>
(13) <i>Chigovia</i> <sup>11</sup> <i>chimbar, dumbanengue</i> (do xichangana <i>chigôvia, ku chimba, dumbâ-nènguè</i> )	SE*
(14) <i>Guadjissar, lobolo, tchovar</i> (do xichangana <i>ku guadjisà, lovòlo, ku tchova</i> )	<i>Arrastão, dote, empurrar</i>
(15) <i>Caracata, chima, oteca</i> <sup>12</sup> (do emakhuwa)	SE*
(16) <i>Show</i> (do inglês)	<i>Bom</i>
(17) <i>Slow, off</i> (do inglês)	SE*
(18) <i>Monbé, mukbero, xitique</i> <sup>13</sup> (do inglês <i>money, to carry, stick</i> )	SE*
(19) <i>Cbofista, chuinga, farmeiro, frike, machimbombo, maningue, naice</i> , (do inglês <i>show, chewing-gum, farmer, free, machine bomb, many, nice</i> )	<i>Exibicionista, bicicleta, fazendeiro, estiloso, ônibus, muito, bom</i>
(20) <i>Torritorri</i> (do português <i>torrar</i> passou para o xichangana)	<i>Cocada</i>
(21) <i>Molwene</i> <sup>14</sup> (do xhosa, falado na África do Sul)	SE*
(22) <i>vorse</i> (do africâner <i>wors</i> )	<i>Linguiça</i>
(23) <i>cofió</i> (do árabe <i>keffya</i> )	SE*

Fonte: Dias (2002).

<sup>10</sup> *Candongá* é venda de produtos alimentícios a preços exuberantes; *capulana* é tecido ou pano que as mulheres africanas cobrem da cintura para baixo, também é utilizado para embalar a criança no colo; *cacana* é uma planta alimentícia e medicinal rasteira de sabor amargo (nome científico é *momordica balsamina*); *matapa* é folha de mandiocqueira usada para fazer caril ou molhos; *patchbar* é cerimônia tradicional de invocação aos antepassados.

<sup>11</sup> *Chigovia* é uma flauta feita a partir de fruto de massala; *chimbar* é chutar a bola contra corpo de uma outra pessoa; *dumbanengue* é mercado informal.

<sup>12</sup> *Caracata* é massa feita de farinha de milho, mapira ou de mandioca que se come acompanhado de molho ou caril na etnia emakhuwa; *chima* é massa feita com farinha de milho; *otecá* é uma bebida tradicional.

<sup>13</sup> *Monbé* é pessoa de origem asiática; *mukbero* é contrabando de produtos alimentícios de um país para outro; *xitique* é empréstimo entre amigos ou familiares.

<sup>14</sup> *Molwene* são moradores de rua.

A maioria dos exemplos do PM provém do inglês e do xichangana. Alguns tem equivalência no PB, mas outros não. É importante sublinhar a importância da África do Sul na importação dos termos do inglês para o PM. São exemplos para isso as palavras *machimbombo*, *chuinga*, *farmeiro*, *maningue*, *show*, *off* e muitas outras. Mas a maioria provém das línguas bantu, principalmente da língua xichangana, falada no sul de Moçambique. A falta de equivalência de algumas palavras no PB releva a existência de contextos socioculturais específicos dos moçambicanos. São exemplos de *molwene*, *patchbar*, *capulana* e *cacana*. Há que se sublinhar também a mudança semântica de alguns estrangeirismos. Por exemplo, *show* no PB corresponde a *espetáculo* e no PM significa “bom”, “ótimo”. O exemplo em (20) transitou por duas línguas para chegar ao PM: essa palavra vem do português *torrar*, que passou para a língua xichangana, ficando como *toritori* (singular) e *matoritori* (plural, cujo prefixo é *ma-*). A reduplicação na língua changana é normal e frequente: *toritori* é reduplicação de *tori* (*torar* em português).

Há que se realçar a importância da extensão semântica do PM, que se pode perceber com mais alguns dados. Por exemplo, *altamente* (*bom*, *ótimo* no PB), *cabritismo* (*corrupção* no PB), *catorzinba* (*piriguete* no PB), *robadeiro* (“aquele que rouba” no PB), *necessidade-menor* (*urinar* no PB) entre muitos outros exemplos. As palavras *sograria* (“casa dos sogros”), *fecalismo* (“ato de fazer necessidades ao ar livre”), *estrutura* (“responsável por um quarteirão ou bairro”), *calamidade* (“roupa usada”), *catorzinba* (“menina/moça que pratica a prostituição”) e *robadeiro* (“aquele que rouba”) refletem a criatividade linguística do PM. Por outro lado, as palavras do PB *chapelaria* (“local onde se vendem chapéus”), *bicicletaria* (“local onde se concertam bicicletas”), *borracharia* (“local onde se reparam rodas de veículos”), *berranteiro* (“aquele que toca berrante”), *carroneiro* (“agenciador de caronas”) e *gari*<sup>25</sup> (“empregado de

---

<sup>25</sup> O termo *gari* provém do nome de Pedro Aleixo Gary. Durante o Império, ele assinou o primeiro contrato de limpeza urbana no Brasil. Aleixo costumava reunir, no Rio de Janeiro, funcionários para limpar as ruas após a passagem de cavalos. Os cariocas, que se acostumaram com esse trabalho, sempre mandavam chamar a “turma do Gary”.

limpeza urbana”) não existem no PM. A palavra *dumbanengue* provém do xichangana (*dumba* = “confia” e *nengue* = “pé”) e nomeava mercado informal, que era proibido nos anos 80 e 90. *Xiconboca* provém da composição do nome *xico* (apelido do nome *Francisco*) + *nboca* (*cobra* em xichangana, serpente com conotação de traidora na crença cristã) e nomeava pessoas que eram contra a ideologia política nos anos 70 e 80.

## 5. Considerações finais

Os estrangeirismos e empréstimos são fenômenos linguísticos que ocorrem em qualquer língua, principalmente em países multilíngues, como é o caso de Moçambique e do Brasil. Neste trabalho analisamos o PM e o PB, mas estudos futuros devem incidir sobre outras variedades da lusofonia. Observamos que, em Moçambique, os estrangeirismos vêm de línguas africanas (especialmente de línguas bantu) e também de línguas europeias (línguas vindas no período colonial e que são adotadas como línguas oficiais). Pesquisas feitas na área de variação linguística e mudança demonstraram que as mudanças nunca param desde que haja falantes. Num espaço multilíngue há mais probabilidade de mistura das línguas do que em sociedades monolíngues. Há o mito de que no Brasil só se fala português. Em muitos casos se colocam de lado as centenas de línguas faladas pelas comunidades de índios espalhadas pelo Brasil. São línguas relegadas ao segundo plano e nunca foram oficiais. É uma realidade semelhante com a de Moçambique. As línguas bantu nunca tiveram estatuto de língua oficial. Sempre foram abnegadas pelas políticas linguísticas. Mas mesmo assim, elas se manifestam na língua portuguesa através de empréstimos e estrangeirismos.

O fenômeno de mudanças através de empréstimos e estrangeirismos não pode ser controlado, tal como se pretendia fazer com leis. É um fenômeno natural, ditado pela convivência entre pessoas de diferentes culturas, pessoas de diferentes nações, falantes

de diferentes línguas. A língua inglesa parece ganhar mais espaço na arena mundial. A criatividade lexical dos moçambicanismos provém na grande maioria de estrangeirismos e empréstimos vindos das línguas africanas espalhadas por Moçambique, contrariamente aos brasileirismos, que tomam emprestadas palavras das línguas europeias e asiáticas trazidas pelos colonos e povos que emigraram para o país, mas sem menosprezar os africanismos. A realidade é que estes fenômenos não prejudicam nem favorecem a língua. São fenômenos que ocorrem em todas as línguas vivas existentes no mundo independentemente da localização geográfica.

Não é um fenômeno que pode ser controlado por leis, pois são os contextos socioculturais, econômicos e políticos traçam esse rumo. Os três dicionários aqui analisados apresentam unidades lexicais gerais da LP, mas também unidades das variedades locais. A unidade lexical *goleiro* é específica do PB e não ocorre no PM. A unidade lexical *txopela* (*moto-taxi* no PB) ocorre no PM, mas não ocorre no PB. O tupi contribuiu no PB com várias unidades lexicais, tal como pudemos observar os exemplos em (10) do Quadro 1. Estas unidades lexicais passam despercebidas como tal na comunicação do dia-a-dia já que poucos se lembram da sua origem, pois já pertencem à realidade sociolinguística brasileira. Todas as unidades lexicais dos exemplos em (18) são estranhas ao PM (exceto a unidade lexical *mandioca*), fato que comprova as particularidades da variedade brasileira.

É importante sublinhar que os brasileirismos são resultado dos contextos socioculturais e políticos dessa variedade. A presença maciça de estrangeirismos ingleses (73%) no PB se justifica pela importância do inglês a nível internacional bem como pela condição dos Estados Unidos como a maior potência econômica mundial. Os dados de Alves (2008) provam que a presença de estrangeirismos vindos do francês (8%), do italiano (3%), do japonês (3%), do espanhol (2%) e de outros (11%) se justifica pela presença colonial e pelas políticas de expansão adotadas no período colonial. A variação lexical na lusofonia é normal. Vejamos as diferentes formas de se referir ao meio de

transporte coletivo de passageiros em diferentes países: *ônibus* (no Brasil), *machimbombo* (em Moçambique e em Angola), *autocarro* (em Portugal) e *toca-toca* (na Guiné-Bissau). A soma de lusismos, brasileirismos, moçambicanismos, angolanismos, cabo verdianismos, guiné-bissauismos, timor-lestismos e goanismos forma a LÍNGUA PORTUGUESA.

## Referências

ALVES, I. M. A neologia na língua falada. In: PRETI, D. (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2003.

ALVES, I. M. Integração de estrangeirismos à língua portuguesa. In: HERNANDES, M. C. *et al.* (Orgs.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.

BAGNO, M. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, C. A. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2002.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, A. G. da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico-etimológico*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2003.

DIAS, H. N. Os empréstimos lexicais das línguas bantu no português. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE LÍNGUA PORTUGUESA EM ÁFRICA, 14-15 novembro 1991, Santarém. *Actas...* Santarém: Instituto Politécnico de Santarém/Escola Superior de Educação, 1993.

DIAS, H. N. *Minidicionário de moçambicanismos*. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.

DIAS, H. N. A norma-padrão e as mudanças linguísticas na língua portuguesa nos meios de comunicação de massas em Moçambique. In: DIAS, H. N. (Org.). *Português moçambicano: estudos e reflexões*. Maputo: Imprensa Universitária, 2009.

DICIONÁRIO INTEGRAL UNIVERSAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. 3. ed. Maputo: Texto Editores, 2008.

FARIA, I. H. Contacto, variação e mudança linguística. In: MATEUS, M. H. M. *et al.* (Orgs.). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

FIRMINO, G. *A questão linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia, 2001.

FREITAS, T.; RAMILO, M. C.; SOALHEIRO, E. O processo de interação dos estrangeirismos no português europeu. In: MATEUS, M. H. M.; NASCIMENTO do, F. B. (Orgs.). *A língua portuguesa em mudança*. Lisboa: Caminhos, 2005.

GOIS, M. L. de S. *O tupi no português brasileiro: a produtividade lexical*. 2001. 205p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.

GONÇALVES, P. *Lusofonia em Moçambique com ou sem glotofagia?* São Paulo, 2012 (Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Linguística Histórica, realizado em São Paulo, no período de 07 a 11 de fevereiro de 2012). Disponível em: <[http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/lusofonia\\_em\\_mocambique.pdf](http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/lusofonia_em_mocambique.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2012.

GONÇALVES, C. A. F. *et al.* O uso do estrangeirismo na língua portuguesa. *Revela*, Lisboa, v. V, n. X, p. 1-32, 2011.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário bouaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. *Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2194&busca=&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.

LINDEGAARD, V. S. *Moçambicanismos: um glossário com algumas imagens*. Disponível em: <<http://mocambicanismos.blogspot.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2012.

LOPES, A. J. *A batalha das línguas: perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária, 1997.

- LOPES, A. J. *Política linguística: princípios e problemas*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.
- MARTINS, J. P. *Idioma português brasileiro*. São Paulo: Scortecci, 2007.
- MATEUS, M. H. M. *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002.
- NEVES, M. H. M. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2003.
- NGUNGA, A.; BAVO, N. *Uso e práticas linguísticas em Moçambique: avaliação da vitalidade linguística em seis distritos*. Maputo: Imprensa Universitária, 2011.
- OLIVEIRA, G. M. de. *Plurilinguismo no Brasil*. Brasília: UNESCO/IPOL, 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001611/161167por.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2012.
- PERINI, M. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.
- POSSENTI, S. A questão dos estrangeirismos. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2002.
- SABLAYROLLES, J.-F. La néologie aujourd'hui. In: GRUAZ, C.; LIMOGES, L.-L. (Orgs.). *À la recherche du mot: de la langue au discours*. Paris: LLI, 2006. p.141-157.
- TIMBANE, A.A. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. *Via Litterae*, Anápolis, v. 4, n. 1, p. 5-24, 2012. Disponível em: <[www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/index.php?id=78](http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/index.php?id=78)>. Acesso em: 11 out. 2012.
- TORRI, R. *Os processos de integração dos empréstimos linguísticos no português*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.
- VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.
- VILELA, M. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

Recebido para publicação em 28 de agosto de 2012

Aprovado em 7 de novembro de 2012